

PROCESSOS CRIATIVOS NA ARQUITETURA AMAZÔNICA SOB A PERSPECTIVA DA TRADIÇÃO E ADAPTAÇÃO

Poliana Figueira Cardoso

Doutoranda, Universidade Estadual de Campinas | arq.poliana.cardoso@gmail.com

Daniel de Carvalho Moreira

Professor Dr., Universidade Estadual de Campinas | damore@unicamp.br

Wilson Florio

Professor Dr., Universidade Estadual de Campinas | wflorio@unicamp.br

EIXO TEMÁTICO: Projeto, Tradição e Contemporaneidade

Resumo: O artigo analisa o processo criativo na produção arquitetônica de autores nascidos e atuantes na região da amazônica brasileira, com ênfase na valorização dos saberes tradicionais incorporados aos processos de projeto, tendo como estudo de caso o projeto do Retiro Tagaste, projetado pelo arquiteto João Castro Filho. A investigação propõe compreender como a criatividade emerge da interação entre o indivíduo criador, o domínio do conhecimento e o campo de validação, conforme a abordagem sistêmica de Mihaly Csikszentmihalyi. A obra do Retiro Tagaste articula a valorização dos saberes tradicionais da Amazônia com discussões contemporâneas sobre o processo criativo na arquitetura, ao considerar o engajamento com o domínio ambiental e cultural. Esses elementos podem ser interpretados por meio de um processo criativo comprometido com o clima, técnica construtiva, materiais locais e de forma pragmática, moderna e regional. A metodologia adotada, de caráter qualitativo e recursivo, compreendeu as etapas de levantamento bibliográfico; análise físico-fotográfica - por meio de material digital e físico; e estudo de habitabilidade a partir de três variáveis: ambiental, cultural e solução arquitetônica. A variável ambiental evidencia soluções bioclimáticas, como o uso de telhado com lanternim e beiral quebra-chuva, que otimizam estratégias passivas de conforto térmico. No aspecto cultural, destaca-se os elementos vernaculares como o uso da madeira, a referência ao tapiri e o dormitório com estruturas para dormir em redes, em consonância com os modos de vida locais. Para a solução arquitetônica, observa-se o uso criativo de materiais locais e técnicas tradicionais reinterpretadas com a racionalidade construtiva, respeitando o ritmo sazonal da paisagem amazônica e cultura ribeirinha. Os resultados indicam que a prática crítica e criativa integra tradição vernacular e projeto contemporâneo, fortalecendo uma identidade territorial e um regionalismo adaptativo e ambientalmente sensível.

Palavras-chave: Processo criativo; Arquitetura amazônica; Produção arquitetônica; Habitabilidade.

CREATIVE PROCESSES IN AMAZONIAN ARCHITECTURE FROM THE PERSPECTIVE OF TRADITION AND ADAPTATION

Abstract: The article analyzes the creative process in the architectural production of authors born and practicing in the Brazilian Amazon region, emphasizing the appreciation of traditional knowledge incorporated into design processes, taking as a case study the Retiro Tagaste project, designed by architect João Castro Filho. The research seeks to understand how creativity emerges from the interaction between the creative individual, the domain of knowledge, and the field of validation, according to Mihaly Csikszentmihalyi's systemic approach. The Retiro Tagaste articulates the appreciation of traditional Amazonian knowledge with contemporary discussions on the creative process in architecture, considering engagement with the environmental and cultural domain. These elements can be interpreted through a creative process committed to climate, construction techniques, local materials, and expressed in a pragmatic, modern, and regional manner. The adopted methodology, qualitative and recursive in nature, comprised the stages of bibliographic review; physical-photographic analysis – through digital and physical materials; and a habitability study based on three variables: environmental, cultural, and architectural solutions. The environmental variable highlights bioclimatic solutions, such as the use of a roof with a lanternim and wide protective eaves, which optimize passive thermal comfort strategies. In the cultural dimension, vernacular elements stand out, such as the use of wood, the reference to the *tapiri*, and dormitories structured for sleeping in hammocks, in harmony with local ways of life. Regarding the architectural solution, the creative use of local materials and traditional techniques reinterpreted with constructive rationality is observed, respecting the seasonal rhythm of the Amazonian landscape and riverine culture. The results indicate that critical and creative practice integrates vernacular tradition and contemporary design, strengthening a territorial identity and adaptive, environmentally sensitive regionalism.

Keywords: Creative process; Amazonian architecture; Architectural production; Habitability.

TÍTULO EN ESPAÑOL

Resumen: El artículo analiza el proceso creativo en la producción arquitectónica de autores nacidos y actuantes en la región amazónica brasileña, con énfasis en la valorización de los saberes tradicionales incorporados a los procesos de proyecto, tomando como estudio de caso el proyecto del Retiro Tagaste, diseñado por el arquitecto João Castro Filho. La investigación propone comprender cómo la creatividad emerge de la interacción entre el individuo creador, el dominio del conocimiento y el campo de validación, según el enfoque sistémico de Mihaly Csikszentmihalyi. La obra del Retiro Tagaste articula la valorización de los saberes tradicionales de la Amazonía con discusiones contemporáneas sobre el proceso creativo en la arquitectura, al considerar el compromiso con el dominio ambiental y cultural. Estos elementos pueden interpretarse a través de un proceso creativo comprometido con el clima, la técnica constructiva, los materiales locales y expresado de forma pragmática, moderna y regional. La metodología adoptada, de carácter cualitativo y recursivo, comprendió las etapas de revisión bibliográfica; análisis físico-fotográfico – mediante material digital y físico; y estudio de habitabilidad a partir de tres variables: ambiental, cultural y solución arquitectónica. La variable ambiental evidencia soluciones bioclimáticas, como el uso de cubierta con lanternim y alero protector, que optimizan estrategias pasivas de confort térmico. En el aspecto cultural, destacan elementos vernaculares como el uso de la madera, la referencia al *tapiri* y los dormitorios estructurados para hamacas, en consonancia con los modos de vida locales. En cuanto a la solución arquitectónica, se observa el uso creativo de materiales locales y técnicas tradicionales reinterpretadas con racionalidad constructiva, respetando el ritmo estacional del paisaje amazónico y la cultura ribereña. Los resultados indican que la práctica crítica y creativa integra tradición vernácula y proyecto contemporáneo, fortaleciendo una identidad territorial y un regionalismo adaptativo y ambientalmente sensible.

Palabras clave: Proceso creativo; Arquitectura amazónica; Producción arquitectónica; Habitabilidad.

1. INTRODUÇÃO

A habitabilidade constitui uma condição essencial para que o espaço permita o pleno desenvolvimento das potencialidades humanas, tanto no âmbito individual quanto social. A adaptação ao ambiente deve considerar simultaneamente, os padrões culturais e as características físicas do lugar, favorecendo uma relação harmoniosa entre o ser humano e a natureza. Essa adequação não ocorre de forma uniforme, resultando em múltiplas concepções de habitabilidade, de acordo com as particularidades de cada grupo (CASTRO FILHO, 1989a). Em Corona & Lemos (2017) "Habitabilidade é "a qualidade daquilo que é habitável", considerando as condições, funcionalidade e racionalidade para se habitar. Para Perdigão (2020), a habitabilidade em relação ao ambiente construído, está diretamente associada à capacidade do projeto arquitetônico de oferecer uma habitação adequada, ou seja, um espaço que atenda de forma eficaz às demandas humanas, tanto físicas quanto socioculturais.

Na Amazônia, essa habitabilidade faz parte da tradição e adaptação transmitida entre gerações, construída de forma empírica e simbólica influenciada por condições naturais, geográficas e culturais específicas, baseando-se no que Santos & Costa (2017) destacam como modelos tradicionais coletivos e não individuais de projeto, funcionando como um sistema simbólico compartilhado, destacando-se por suas características bioclimáticas e seu potencial de exemplo de sustentabilidade. Representam uma forma específica de pensar e criar arquitetura, fundamentadas na prática e observação sensível da natureza. Nesse sentido, torna-se um referencial para arquitetos que orientam seus processos criativos por práticas alinhadas ao contexto local e territorial, buscando integrar saberes vernáculos, materiais locais, técnicas construtivas e as variáveis ambientais e culturais (ARRAES; PERDIGÃO, 2022; PERDIGÃO, 2020). Parte-se do pressuposto de que tais arquiteturas, ao dialogarem com o conhecimento tradicional vernacular e com as dinâmicas ambientais locais e territoriais, produzem respostas as especificidades ambientais socioculturais enraizadas, revelando uma dimensão criativa que emerge da interação entre tradição e adaptação.

Objetiva-se investigar os processos criativos apresentados na produção arquitetônica de autores nascidos e atuantes na região amazônica brasileira, com ênfase na valorização dos saberes tradicionais incorporados aos processos de projeto. Para esta investigação será utilizado como estudo de caso o projeto do Retiro Tagaste (1986), concebido pelo arquiteto João Castro Filho.

A escolha da obra justifica-se por sua inserção em um período significativo para a arquitetura e urbanismo na Amazônia, marcado, a partir da década de 80, por um esforço de construção de um pensamento projetual para a região, associado ao estímulo a sua consolidação como espaço urbano. Esse contexto é caracterizado pela busca de abordagens capazes de responder às especificidades ambientais, territoriais e socioculturais amazônicas, ao mesmo tempo em que se intensificam processos de

integração nacional e migração de profissionais e inclusive arquitetos para o Norte do Brasil (CARVALHO; LOBATO, 2021). Nesse cenário, a proposta de um espaço de retiro espiritual, destinado principalmente a usuários provenientes de outras regiões do país e do exterior, insere-se como uma estratégia de promoção da região, articulando arquitetura, paisagem e experiência.

A escolha do arquiteto João Castro Filho justifica-se por sua inserção em uma linhagem de profissionais que, a partir da segunda metade do século XX, contribuíram para a consolidação de uma arquitetura moderna na Amazônia comprometida com as especificidades regionais. Sua atuação reflete um momento de inflexão disciplinar, no qual os princípios do modernismo passam a ser reinterpretados à luz das condições locais, incorporando estratégias projetuais sensíveis ao clima, aos materiais e aos modos de vida amazônicos. Assim, sua produção se insere em uma genealogia de arquitetos que buscaram superar a simples reprodução de modelos exógenos, afirmando uma prática arquitetônica situada e alinhada à construção de uma identidade regional.

Outros arquitetos que também se engajaram à investigação e a valorização de práticas arquitetônicas, principalmente na capital do Pará, Belém, considerada a maior capital da região norte até meados de 80, além do João Castro Filho, incluem os arquitetos Alcyr Meira, Antonio Lamarão, Camillo Porto, Cicerino Cabral, Claudio Cativo, Fernando Marques, Hélio Veríssimo, José Raiol, Milton Monte, Paulo Chaves e Jussara Derenji e responsável pelo projeto de paisagismo do Retiro Tagaste. Um aspecto comum entre esses profissionais é a vinculação com o meio acadêmico, e contribuição para a consolidação do curso de arquitetura da Universidade Federal do Pará, a partir de 1964, auxiliando na formação de arquitetos atuantes na região (SARQUIS, 2023).

Para realizar esta pesquisa de abordagem qualitativa se sucederam três etapas recursivas: (1) Levantamento bibliográfico para realizar a leitura do projeto e análise sobre a obra, bases da coleta de dados em entrevistas, jornais e artigos publicados sobre o autor; (2) Levantamento físico/ fotográfico da obra por meio de material digital e físico, para estudos da tríade de habitabilidade da obra - variável ambiental, variável cultural e solução arquitetônica, variáveis propostas por Castro Filho (1989a); (3) Análise do processo criativo do projeto do Retiro Tagaste envolvendo os critérios da interação entre o Indivíduo, Domínio e Campo.

2. HABITABILIDADE COMO SÍNTESE PROJETUAL: CLIMA, CULTURA E TÉCNICA

A habitabilidade na arquitetura amazônica pode ser compreendida com uma síntese entre clima, cultura e técnica, condição explicitada no Retiro Tagaste, projetado por João Castro. O projeto articula saberes locais e respostas adaptativas ao meio, evidenciando que o equilíbrio entre ambiente físico e ocupação humana se manifesta nas próprias condições de conforto (Figura 1). Castro Filho (1989a), afirma que “[...] a harmonia que

encontramos na arquitetura tradicional de certos grupos humanos se materializa em tecnologia sábia e coerente, tanto como meio ecológico, assim como a cultural correspondente. [...] “, reforçando a indissociabilidade entre técnica construtiva e contexto sociocultural.

Figura 1: Vista externa dos pavilhões do Retiro Tagaste



Legenda: Retiro Tagaste e Árvore que inspirou o projeto em Marituba - Pará.
Fonte: Fotografia André Penner Revista Projeto n. 120, 1989, p. 107.

5

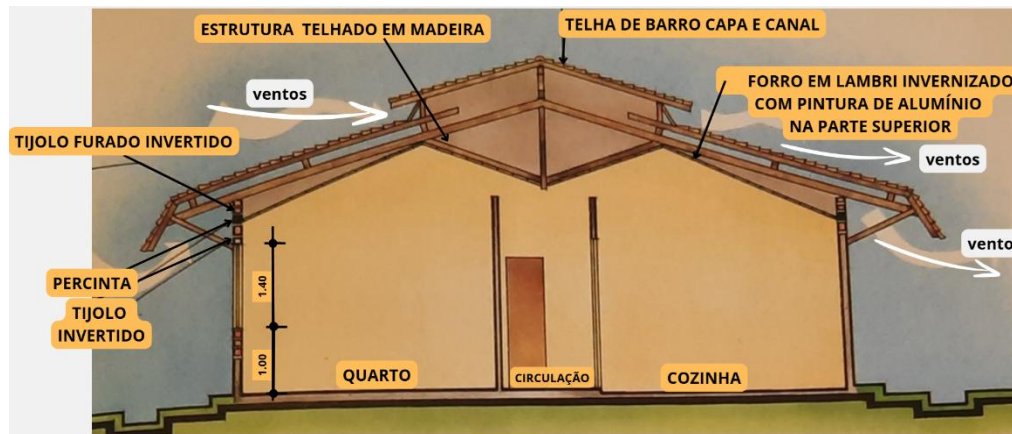
O conjunto implantado no município de Marituba, Ananindeua, a 25km de Belém, Pará, terceiro maior do estado, possui 14 ilhas ao redor do Rio Maguari (IBGE, 2022). Foi projetado em 1986 e construção entre 1987 e 1988 em uma área de aproximadamente 1.500m² de construção em terreno de 65.000m². O nome dado ao retiro Tagaste é nome da cidade que nasceu Santo agostinho, patrono dos agostinianos que significa “Casa do Tesouro” ou “casa do Arco”. Desenvolvido no contexto das políticas de urbanização da Amazônia, o Retiro Tagaste, evidencia uma abordagem projetual que se afasta da imposição de modelos externos, estruturando-se a partir da articulação entre dimensões ambiental, cultural e técnica.

2.1 VARIÁVEL AMBIENTAL

No que se refere à variável ambiental, observa-se que a arquitetura do Retiro Tagaste buscou um equilíbrio sensível entre o meio ambiente físico e as necessidades humanas, traduzido pelo conforto ambiental. Essa harmonia, segundo o próprio arquiteto, é característica da arquitetura tradicional, que desenvolve tecnologias coerentes tanto no aspecto ecológico quanto cultural. No projeto, os elementos construtivos foram projetados para responder aos fatores climáticos amazônicos (Figura 2): o uso de telhado com várias águas, com aberturas na parte mais alta do telhado do tipo lanternim que favorecem a entrada de luz e ventilação cruzada, permitindo que o ar quente se renove, essencial para o clima quente e úmido (ventos predominantes do Leste e

secundário a norte, com média de 7,5km/h a 6,2km/h na alta e 5,0km/h na baixa). A região dividida em épocas de cheia (meses de chuva intensa e alta do nível dos rios, média de pluviosidade 2.500mm) e vazantes do rio (meses com ausência de chuva e baixa do nível dos rios) com a temperatura média de 32°C entre maio e dezembro e de 30°C entre janeiro e abril, manter uma temperatura mais amena é requisito básico para habitabilidade (WEATHER SPARK, 2024).

Figura 2: Corte esquemático do quarto e cozinha do Retiro Tagaste

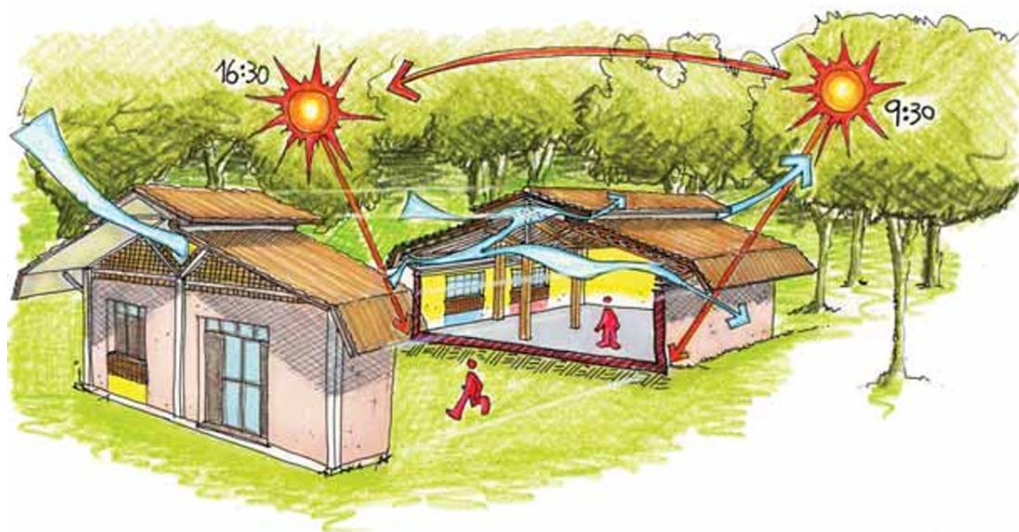


Legenda: Telhado em estrutura de madeira com lanternim; Materiais convencionais usados de forma não convencional.
Fonte: Comunicação visual: Mário Barata II. Revista Projeto n. 120, 1989, p. 110, adaptado pelos autores.

A escolha das cores nos materiais, menos reflexivas ou com menor absorção térmica pode indicar uma preocupação com a emissão de calor e o desempenho energético da edificação. O uso da madeira, telha de barro no telhado, tijolo furado na parte superior das paredes somando-se a ventilação da cobertura e os grandes beirais, resultam em temperatura entre 20°C à noite e 25°C de dia, excelentes para o clima da região, sem necessidade de uso de ventilador. A implantação dos ambientes de dormitórios em conjunto com os beirais e varanda foi projetada de modo a otimizar o uso do sol, sendo este adentrando na edificação até as 9h30 da manhã e depois das 16h30 com a função de assepsia da edificação, (Figura 3).

A variável ambiental na região amazônica ganhou maior relevância com o estímulo aos projetos de urbanização para a década de 1980. A Revista Projeto (1987), por exemplo, publicou um volume na qual diversos pensadores apresentaram proposições sobre essa temática. Paralelamente, as práticas projetuais e a consolidação do curso de Arquitetura na região passaram a incorporar as especificidades ambientais amazônicas, apoiando-se em informações científicas e em instrumentos técnicos apropriados para às condições locais (CARVALHO; LOBATO, 2021, HEIMBECKER, 2019, SARQUIS, 2012).

Figura 3: Diagrama de ventos e sol no Retiro Tagaste



Legenda: Estudo do sol e ventos
Fonte: Lambert et al., 2013, p. 44

A variável ambiental na região amazônica ganhou maior relevância com o estímulo aos projetos de urbanização para a década de 1980. A Revista Projeto (1987), por exemplo, publicou um volume na qual diversos pensadores apresentaram proposições sobre essa temática. Paralelamente, as práticas projetuais e a consolidação do curso de Arquitetura na região passaram a incorporar as especificidades ambientais amazônicas, apoiando-se em informações científicas e em instrumentos técnicos apropriados para às condições locais (CARVALHO; LOBATO, 2021, HEIMBECKER, 2019, SARQUIS, 2012).

2.2 VARIÁVEL CULTURAL

A arquitetura constitui uma expressão cultural, material ou não, que se manifesta no ordenamento do espaço, refletindo formas de vida individuais e coletivas. Esse ordenamento corresponde à busca por otimizar as condições do meio físico, demarcando espacialidades conforme as atividades desenvolvidas. A adaptação entre sociedade e meio exige reflexão sobre os instrumentos de transformação do ambiente, compreendendo a tecnologia como um conjunto de técnicas elaboradas conjuntamente. Sua complexidade depende tanto das condições físicas quanto das questões culturais da sociedade, devendo ser considerada no projeto, uma vez que revela soluções coerentes com determinadas concepções de habitabilidade (CASTRO FILHO, 1991).

No caso do Retiro Tagaste, tais princípios manifestam-se de forma concreta nas escolhas construtivas. O emprego predominante da madeira relaciona-se à abundância do recurso na região, a época, quanto a qualificação da mão de obra local. A familiaridade dos habitantes com a construção de edificações e embarcações, bem

como com a produção de artefatos em madeira, fortalece seu uso como prática construtiva culturalmente enraizada. Assim, a obra incorporou madeiras de boa procedência na execução do telhado, esquadrias e portas (Figuras 5) (SOUSA, 2024; CARVALHO; LOBATO, 2021). O tijolo e telha cerâmica também são de fácil acesso na região, Ananindeua possui tradição oleira e fontes de argilas e minerais.

Essa lógica construtiva se expressa também na configuração do sistema estrutural. O telhado, do tipo tesoura com lanternim, para ventilação da “quinta fachada” (CERRETO, 2020) é classificado por Berriel (2009) como sistema linear, caracterizado por elementos unitários em que uma das três dimensões predomina sobre as demais, permitindo flexibilidade vertical ou horizontal (Figura 4). Trata-se de sistema executado majoritariamente in loco, com pilares e vigas padronizadas, estruturado por tramas de madeira contraventadas por diagonais em “V”

Figura 4: Telhado com lanternim e beiral



Figura 5: Estrutura interna do Retiro Tagaste



Legenda (esquerda): detalhe dos telhados e beiral quebra-chuva

Legenda (direita): detalhes das redes nos dormitórios penduradas nos pilares de madeira. Telhado com estrutura de madeira contraventadas por diagonais em “V”.

Fonte: Comunicação visual: Mário Barata II. Revista Projeto n. 120, 1989, p. 109.

As escolhas espaciais também refletem práticas culturais específicas. Nos dormitórios não foram propostas camas, considerando o uso da rede com capacidade para até 70 pessoas, elemento difundido na região de herança indígena. Para além de hábito tradicional, a rede favorece o conforto térmico em dias quentes, pois o balanço favorece a ventilação e auxilia no afastamento de mosquitos (Figura 5).

As edificações organizam-se internamente a partir de planta retangular, sendo observado nas edificações dos dormitórios e pavilhões a ausência de divisões internas, apenas a separação dos banheiros, com diferenciação clara entre piso, parede e teto (Figura 6).

Figura 6: Planta de situação do Retiro Tagaste



Legenda: 4 – Monumento. 5 – Casa pioneira. 6 – Varanda. 7- Estar. 8 - Copa/Cozinha. 9 - Área de serviço. 10 – Quarto. 11- Casa principal. 12 – Capela. 13 – Refeitório. 14 – Cozinha. 15 – Depósito. 16 – Passarela. 17 - Pavilhão Santa Mônica. 18 – Dormitório. 19 – Banheiro. 20 - Pavilhão Hipona. 21 - Pavilhão Santo Agostinho. 22 – Piscina. 23 - Caixa d'água. 24 – Ducha. 25 - Pavilhão Casissiac. 26 – Bar. 27 – Churrascaria.

Fonte: Comunicação visual: Mário Barata II. Revista Projeto n. 120, 1989, p. 111, adaptado pelos autores.

No plano da organização espacial externa, não há separação entre arquitetura e natureza. Há valorização do espaço não construído como parte essencial da habitabilidade. O paisagismo edifica a paisagem do lugar em camadas que unem edificações ao jardim, horta, bosque e reserva florestal (Figura 6). Nesse sentido, conforme Novaes (1983), “o estudo da casa em si, isoladamente, [...] é de pouco interesse”, uma vez que sua função se define na relação com o conjunto de espaços e práticas que estruturam o modo de vida. No caso do Retiro Tagaste, essa lógica se evidencia na forma como o projeto se implanta na paisagem, articulando percursos, áreas de permanência e espaços de contemplação que extrapolam a edificação em si, aproximando-se de uma concepção ampliada de habitar. Além disso, a ênfase em coberturas extensas, sombreamento, ventilação cruzada e uso de materiais regionais dialoga com estratégias recorrentes nas arquiteturas indígenas e vernaculares (Figura 7). Novaes (1983), destaca que a forma da habitação não é determinada apenas pelos fatores climáticos ou técnicos, mas pela “visão que um povo tem da vida ideal”. Nesse aspecto, a obra do Retiro incorpora uma dimensão simbólica e espiritual que ressignifica essas soluções, orientando-as para a experiência do recolhimento e da contemplação.

Figura 7: Estrutura do beiral e lanternim do Retiro Tagaste



Legenda: uso de materiais locais e estratégia de ventilação do telhado.

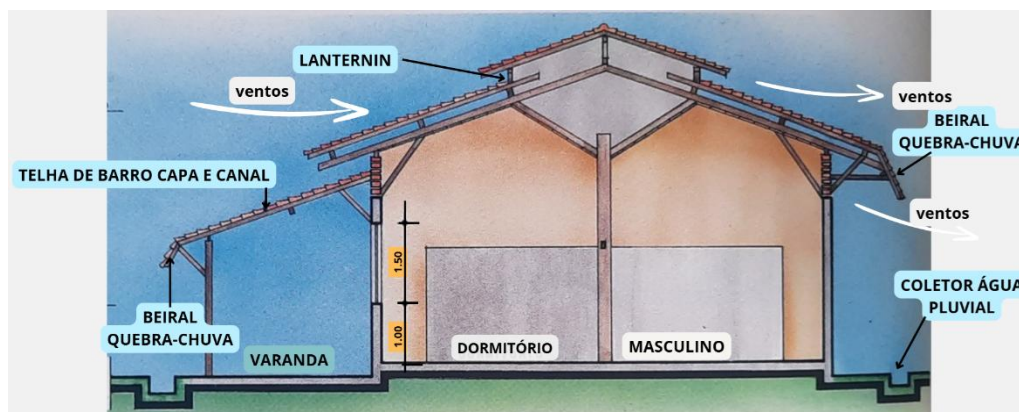
Fonte: Comunicação visual: Mário Barata II. Revista Projeto n. 120, 1989, p. 109.

2.3 SOLUÇÃO ARQUITETÔNICA

Na Amazônia, a relação entre sociedade e água estrutura modos de vida e organização espacial, condicionados pela sazonalidade dos rios, descrita em quatro fases: enchente, cheia, vazante e seca (PESSÔA et al., 2023). "Tal dinâmica molda uma cultura, um modo de ser e um ritmo de vida próprio, amazônida (FRAXE, 2004), configurando um território em constante transformação. Segawa (2010) afirma que "a Amazônia é capaz de induzir à formulação de uma arquitetura específica, necessariamente em diálogo com o meio", o que se reflete na atuação de arquitetos locais, como Milton Monte e seu discípulo João Castro, que consolidaram a arquitetura regional ao longo do tempo. No Retiro Tagaste as soluções projetuais expressam essa noção de habitabilidade integrada ao meio físico, com o uso de grandes aberturas com venezianas, favorecendo ventilação e iluminação naturais. Os elementos de transição e os percursos, possuem desenhos simples com materiais permeáveis, para controle da vegetação e da dinâmica hídrica local.

10

Figura 8: Corte esquemático dos dormitórios e varanda do Retiro Tagaste



Legenda: Varanda, Lanternim e Beiral quebra-chuva

Fonte: Comunicação visual: Mário Barata II. Revista Projeto n. 120, 1989, p. 110, adaptado pelos autores.

Conforme descrito por Castro Filho (1989b), a geometria dos edifícios dos dormitórios, inspira-se na estrutura de uma árvore, as paredes remetem ao tronco, a estrutura do telhado aos galhos e o telhado à copa, sendo as telhas associadas a figura das folhas (Figura 8). Essa analogia dialoga simbolicamente com o próprio nome do município de Ananindeua, derivado de "Anani" (*Symphonia globulifera*), árvore abundante na região, cujo significado é "lugar do Anani". A espécie era conhecida pela produção de resina de cerol utilizada na vedação das embarcações (IBGE, 1957), reforçando a relação entre natureza, cultura construtiva e identidade local.

As varandas constituem elemento recorrente no conjunto, configurando espaços simultaneamente cobertos e abertos que promovem integração visual com a paisagem, favorecem a socialização e contribuem para o conforto térmico. O detalhe do beiral, intitulado como "quebra-chuva" destaca-se como solução simbólica e funcional, permitindo observar com controle da incidência direta nas envoltórias de chuvas, impulsionadas pelos ventos, favorecendo ventilação e contemplação da paisagem. Segundo Castro Filho (1989b) essa solução representa uma tentativa de compreender e apropriar-se das múltiplas possibilidades da paisagem cultural e natural, consolidando um processo criativo arquitetônico, enraizado no meio tropicamazônico, sob a perspectiva da tradição e adaptação.

A solução arquitetônica do Retiro Tagaste posiciona-se criticamente diante da lógica da chamada "torre de vidro", um paradigma moderno difundido a partir da Torre Seagram de Mies van der Rohe (1958), em Nova York, e influência na arquitetura de várias cidades, inclusive nas capitais do norte. Concebida para o clima frio e seco norte-americano, essa tipologia buscava manter calor e umidade internos por meio de sistemas artificiais de calefação. Sua reprodução na Amazônia revela inadequação contextual: pois, em clima equatorial quente e úmido, as fachadas envidraçadas intensificam o acúmulo de calor e demandam o uso constante de ar-condicionado. Tal dependência tecnológica na época, agrava os problemas energéticos regionais, ainda em fase de implantação de hidrelétricas (CASTRO FILHO, 1989b), embora essa tipologia permaneça presente nos grandes centros urbanos da região Norte, com as varandas fechadas com painéis de vidros, mesmo diante do atual cenário de crise climática. Becker (2013), destaca que a ocupação urbana na amazônica, foi marcada por uma colonização *sui generis* (portuguesa, espanhola, francesa e holandesa) manifesta-se na cultura, nas toponímias e na arquitetura, além do chamado "trabalho velho", que incorpora a tradição e adaptação.

O projeto evidencia uma arquitetura que não se rende a estética universal descolada do contexto, mas que se enraíza no território, reconhecendo cultura, paisagem e clima como ponto de partida para ao processo projetual (CASTRO FILHO, 1989b, 1991).

3. O PROCESSO CRIATIVO NO PROJETO

A dimensão do indivíduo manifesta-se em uma trajetória marcada por formação híbrida e atuação crítica no contexto amazônico. Sua produção articula domínio técnico-científico, sensibilidade artística e compromisso ambiental, ultrapassando respostas estritamente funcionais. O domínio compreende tanto o conhecimento disciplinar quanto os saberes empíricos das populações tradicionais, resultantes de processo históricos de ocupação da Amazônia. As ilhas que compõem a Região Metropolitana de Belém, da qual Ananindeua faz parte, foram historicamente ocupados por indígenas, africanos, afrodescendentes fugitivos entre os séculos XVII e XIX, em processos não sistemáticos e, por longo período, negligenciados pelo poder público. A valorização e ocupação mais intensa dessas áreas ocorreu a partir dos séculos XIX e XX com umas iniciativas governamentais voltadas ao turismo de lazer e veraneio. Esse contexto histórico contribui para compreender a escolha do local de implantação do Retiro Tagaste pelos padres agostinianos (GONÇALVES; CORNETTA; BARBOSA, 2016; LOUREIRO, 2012; PORTO-GONÇALVES, 2001).

O campo opera como instância de validação que transcende o reconhecimento o imediato da obra, envolvendo redes institucionais, críticas e acadêmicas que definem os critérios de legitimidade. A trajetória de João Castro evidencia este processo: o Retiro Tagaste foi publicado na Revista Projeto (1989) e premiado internacionalmente na Bienal de Arquitetura de Sofia (Bulgária), além de ser amplamente mencionado na historiografia da arquitetura brasileira (ARRAES; PERDIGÃO, 2022; SARQUIS, 2023; CARVALHO; LOBATO, 2021; PERDIGÃO, 2020; SARQUIS, 2012; SEGAWA, 2010, 2005, 1993, 1988). O processo criativo se torna recursivo e retroalimentado entre indivíduo, domínio e campo (Tabela 1).

Tabela 1: Síntese da análise do processo criativo do projeto do Retiro Tagaste

Dimensão do projeto	Leitura do processo criativo		
	Indivíduo (João Castro)	Domínio (saberes e repertório)	Campo (validação e contexto)
Estratégia Ambiental	Interpreta o clima amazônico como agente ativo de projeto, operando escolhas conscientes de ventilação e proteção climática.	Conhecimento bioclimático e saber vernáculo, (ventilação cruzada, sombreamento, controle hídrico).	Exigência de conforto térmico em clima quente e úmido legitima soluções passivas e de baixo impacto.
Cobertura	Utiliza a cobertura como elemento central de articulação espacial e ambiental, potencializando seu desempenho além da função.	Repertório técnico de coberturas ventiladas, lanternim e grandes beirais derivados da tradição construtiva regional.	Validação pelo desempenho ambiental e adequação formal às condições amazônicas.
Materialidade	Articula entre disponibilidade de material local e racionalidade construtiva. Seleciona madeira e materiais locais de forma consciente.	Uso de madeira, cerâmica e sistemas locais associados ao conhecimento empírico e técnico regional.	Viabilidade construtiva, disponibilidade de recursos e identificação cultural reforçam as escolhas.
Sistema Construtivo	Adota soluções simples, modulares e facilmente executáveis.	Integra técnicas vernaculares com racionalidade construtiva moderna.	Compatibilidade com mão de obra local e práticas construtivas consolidadas valida o sistema adotado.

Cultura e uso	Integra o espaço arquitetônico e práticas culturais.	Referência aos modos amazônicos, como uso de redes, espaços flexíveis, sociabilidade nos espaços externos.	Apropriação e identificação dos usuários confirmam a adequação cultural do projeto.
Relação com o entorno	Desenvolve leitura sensível do lugar, tratando a paisagem com setorização funcional entre edificações e cobertura vegetal.	Integra saberes sobre ocupação territorial e relação simbiótica entre arquitetura e natureza. Paisagismo edifica a paisagem do lugar em camadas edifícios, jardim, horta, bosque e reserva florestal.	Condições ambientais e leitura do lugar orientam a implantação e a baixa densidade construtiva.
Síntese projetual	Incorpora técnica, cultura e ambiente em uma linguagem autoral situada, com intencionalidade crítica.	Convergência entre repertórios vernaculares e princípios e contemporâneos de sustentabilidade.	Reconhecimento acadêmico e profissional consolida a obra como referência regional coerente.

Legenda: As colunas se relacionam com as linhas por meio dos elementos – indivíduo; - domínio; - campo.
Fonte: os autores.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises permitem compreender o Retiro Tagaste que os processos criativos na arquitetura amazônica sob a perspectiva da tradição e adaptação, articulam, de forma crítica, condicionantes ambientais, repertórios técnicos e dimensões culturais, como síntese projetual. Evidenciando que a arquitetura, quando fundamentada em uma leitura aprofundada do contexto, ultrapassa a uma mera resposta formal. A obra demonstra que a incorporação de estratégias bioclimáticas, o uso consciente de materiais locais e a atenção aos modos de habitar amazônicos configuram uma reinterpretação do vernacular, mantendo uma tradição sem operar uma repetição. Ao mesmo tempo, que sua inserção em espaços de reconhecimento acadêmico e profissional indica que produções enraizadas no território podem produzir inovação relevante, contribuindo para consolidar a tradição de uma arquitetura amazônica, capaz de adaptar para responder de forma integrada e crítica aos desafios ambientais e socioculturais.

5. REFERÊNCIAS

ARRAES, Hugo; PERDIGÃO, Kláudia. Produção arquitetônica de Milton Monte: conexão com o lugar amazônico. **Thésis**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, p. 142-153, out. 2022.

BECKER, Bertha. K. **Urbe Amazônida**. Rio de Janeiro: Garamond, 2013.

BECKER, Bertha. K. (coord.) **Um projeto para a Amazônia no século 21: desafios e contribuições**. Brasília – DF: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE), 2013. ISBN 978-85-60755-13-4.

BERRIEL, Andrea. **Arquitetura de madeira: reflexões e diretrizes de projeto para concepção de sistemas e elementos construtivos**. 2009. 363 p. Tese (Doutorado) Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 2009.

CARVALHO, Ronaldo M. de; LOBATO, Beatriz T. de O.. Arquitetura em madeira: do vernacular ao erudito, concepções amazônicas. **Revista RCT**, v.7, 2021. ISSN 2447-7028.

CASTRO FILHO, João. Retiro Tagaste, uma arquitetura para a Amazônia. **Projeto**, São Paulo, n. 120, p. 106-111, abr. 1989a.

CASTRO FILHO, João. Arquitetura da Amazônia para o mundo. **Jornal Liberal: Jornal da Amazônia**. Belém, 10 set. 1989b. p. 4.

CASTRO FILHO, João. Uma casa amazônica, projeto João Castro Filho.. **Projeto**, São Paulo, n. 147, p. 44-49, abr. 1991.

CERETO, MARCOS PAULO. **Severiano Mario Porto: [Re] Pensando A Arquitetura [Moderna] Na Amazônia**. 2020. 384 p. (Tese)— Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020

CORONA, Eduardo.; LEMOS, Carlos A. C. **Dicionário da arquitetura brasileira**. 2.ed., São Paulo: romano Guerra, 2017.

CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. **Creativity: Flow and the Psychology of Discovery and Invention**. New York: HarperPerennial, 1996.

FRAXE, T. J. P. **Homens anfíbios: Etnografia de um campesinato das águas**. São Paulo: Annablume Editora. 2000.

GONÇALVES, Amanda C. O.; CORNETTA, Andrei; ALVES, Fábio; BARBOSA, Leonard J. G.. Belém e Abaetetuba. In: IPEA. **A função socioambiental do patrimônio da União na Amazônia**. Brasília: IPEA, 2016. p. 63- 106.

HEIMBECKER, Vlândia Pinheiro Cantanhede. **Narrativas de paisagem, argumentos de projeto: centralidade da Amazônia em textos e na prática da Arquitetura e Urbanismo no Brasil, de 1934 a 1989**. 2019. Tese (Doutorado), Universidade de São Paulo, São Carlos, 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. Rio de Janeiro: IBGE, v. 14, p. 279-283, 1957.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Enciclopédia Censo 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

LAMBERTS, Roberto; DUTRA, Luciano; PEREIRA, Fernando O. R. **Eficiência energética na arquitetura**. Florianópolis: Eletrobras/Procel; LabEEE/UFSC, 2013.

LOUREIRO, V. R. A Amazônia no século XXI: novas formas de desenvolvimento. **Revista Direito GV**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 527-552, jul.-dez. 2012.

NOVAES, Sylvia Caiuby (org.). **Habitações indígenas**. São Paulo: Nobel; Editora da Universidade de São Paulo, 1983.

PERDIGÃO, A. Klaudia de A. V. O habitat amazônico sob o enfoque da sustentabilidade: entre arquitetura erudita e vernacular. **Revista Latina-americana del Entorno Construido y Sustentabilidad**, Belém, v. 1, n. 4, p. 98–109, 2020. ISSN 2675-7524.

PESSÔA, Ana C. M.; YANAI, Aurora M.; VASCONCELOS, Mônica Alves de; CRUZ, Pablo De La; DÍAZ, Pierre A. F.; LIMA, Letícia S. de. Adaptação às secas na Amazônia: Abordagens participativas para o fortalecimento da perspectiva das comunidades ribeirinhas. Pg. 239-270. In.: JOLY, Carlos et al. (org.) **Diálogos amazônicos contribuições para o debate sobre sustentabilidade e inclusão**. São Carlos: Rima, 2023. p. 239-270. DOI: doi.org/10.55333/rima-978-65-84811-39-3_009

PORTO-GONÇALVES, CARLOS W. **Amazônia, Amazônias**. São Paulo: Contexto, 2001.

SANTOS, Soraia C. dos; COSTA, Silvia K. **Arquitetura vernacular ou popular brasileira: conceitos, aspectos construtivos e identidade cultural local**. 2017. DOI: 10.5752/P.2316-1752.2017v24n35p218

SARQUIS, Giovanni B. **Diálogos contemporâneos na arquitetura belenense (1979-2007)**. 2012. 350f. Tese (Doutorado), Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2012, pg. 172-174

SARQUIS, Giovanni B. (org.). **Arquitetos: memórias e vivências**. Belém: IPHAN, 2023.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil: anos 80**. São Paulo: Projeto, 1988, p. 7.

SEGAWA, Hugo. Fitomorfia amazônica, o restaurante de João Castro Filho. **Projeto**, São Paulo, n. 169, pg. 36-41, nov. 1993.

SEGAWA, Hugo. Tropicalismo o barbárie. In: **Arquitectura latinoamericana contemporânea**. Barcelona: Gustavo Gili, 2005. p. 83-99.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990**. São Paulo: EDUSP, 2010, p. 193.

SOUSA, Lauro R.de. **Fotografia: Um olhar sobre representações e imaginários da arquitetura brasileira**. 2024. Dissertação (Mestrado), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024, p. 168.

WEATHER SPARK. Clima característico em Ananindeua, Pará, Brasil durante o ano. 2024.